



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

17113 - Resumo Expandido - Trabalho - XV Reunião ANPEd Sul (2024)

ISSN: 2595-7945

Eixo Temático 12 - Filosofia da Educação

O OUTRO EM PAUL RICOEUR CONTRIBUIÇÕES À EDUCAÇÃO

Regiano Bregalda - Faculdade de Teologia e Ciências Humanas - Itepa Faculdades

O OUTRO EM PAUL RICOEUR: CONTRIBUIÇÕES À EDUCAÇÃO

Resumo: Este texto objetiva problematizar a questão do outro e da educação no pensamento de Paul Ricoeur. Busca-se, a partir da obra “O si-mesmo como outro”, compreender o papel da educação no processo formação humana e constituição de si mesmo. Buscar-se-á apresentar a educação como um caminho privilegiado que visa orientar o ser humano ao cuidado de si, do outro, a ter uma vivência autônoma, reconhecendo-se na pluralidade e garantindo a todos uma vida ética, justa e equitativa. Para dar conta deste intento, dividir-se-á a reflexão em dois momentos. No primeiro ocupar-se-á com a questão do outro para Ricoeur e, no segundo, a mediação da educação na constituição de si mesmo enquanto sujeito capaz de tecer uma leitura alargada do mundo.

Palavras-chave: Paul Ricoeur; Alteridade; Outro; Justiça; Educação

Introdução

Hodiernamente pautar uma reflexão acerca da constituição do sujeito é uma tarefa desafiante, sobretudo pela complexidade das relações sociais e dos avanços tecnológicos e científicos. Torna-se, de maneira particular, uma tarefa ímpar às áreas da filosofia e da educação, uma vez que a própria natureza desses campos de saberes, é de problematizar o ser no mundo. Aliás, colocar em pauta a questão do sujeito nesse tempo de obscurantismo, torna-se uma questão primordial, sobretudo quando os ares do fascismo, da negação do outro, do ódio ao diferente, etc., passam a ser constatados cotidianamente.

É nesse horizonte que a questão *quem sou eu?* possui relevância particular no contexto hodierno, uma vez que a resposta a essa questão pressupõe uma ideia de reconhecimento. É essa perspectiva que, ancorados no pensamento de Paul Ricoeur, o que esse artigo buscará problematizar. Isso se deve pelo fato de o autor francês compreender que o si-mesmo é resultado de uma relação, de uma troca mútua entre o si-mesmo com tudo aquilo

que lhe passa, lhe toca.

Diante disso postulamos a questão que orientará este estudo, a saber: *em que consiste constituição do si-mesmo* em Paul Ricoeur e quais contribuições essa compreensão faculta para pensar a formação do sujeito? A hipótese é de que a constituição do si-mesmo, perpassada pela ideia de narrativa, permite ao sujeito compreender-se como um ser de relação, a desenvolver a capacidade imaginativa e tornar-se intérprete do mundo. O outro, na compreensão de Ricoeur, é a porta de entrada para o reconhecimento de si. A educação e/ou os processos educativos, possuem um papel fundamental que é o de possibilitar ao indivíduo o reconhecimento de si-mesmo e daquilo que lhe acontece.

Para aprofundar a temática em questão, o texto dividir-se-á, provisoriamente, em dois momentos. No primeiro buscar-se-á refletir quem é o sujeito para Ricoeur, evidenciando sobremaneira as características de um agente pensante/meditativo/reflexivo. E, no segundo, pautar-se-á acerca do papel dos processos educativos como espaços mediadores, capazes de conduzir o sujeito a tomar conhecimento de si mesmo e a realizar uma leitura alargada do mundo.

A questão da alteridade: O si mesmo como outro

Ricoeur em sua *pequena ética*, presentes no sétimo, oitavo e nono estudos do livro *O si-mesmo como outro*, está convicto de que o ser humano pode viver e agir de uma maneira melhor, ou seja, é capaz de Bem Viver. Para isso ser alcançado é necessário um compromisso ético e verdadeiro com os atos humanos. A educação, através de um processo contínuo e permanente, auxilia o ser humano a encontrar sua autonomia, liberdade, a reconhecer-se na pluralidade e, transformar a realidade que o cerca. Com isso, entendemos que o papel da educação está em conduzir/orientar as pessoas a se tornarem livres, autônomas e capazes de exercer seu poder na relação com os demais.

Esse horizonte, segundo Paul Ricoeur, é alcançado à medida que o indivíduo responde a pergunta: quem sou eu? O “quem” não é o “que” cartesiano (*cogito, ergo sum*) que possui um fim em si mesmo, mas é um “quem” reflexivo, aberto e disposto a aceitar o estranho. O “quem” para Ricoeur encontra-se no reconhecimento de si próprio, o que possibilita o ser humano emancipar-se. Por isso, sua preocupação por excelência é buscar entender a identidade do sujeito, “sua existência e [...] seu envolvimento dentro da sociedade” (RIBEIRO, 2011, p. 149). Esse cuidado com a identidade do sujeito é um dever essencial da educação, já que seu horizonte é refletir e possibilitar condições para o ser humano viver em sociedade.

Para aprofundar essa temática, necessita-se entender em que perspectiva o autor compreende a ética, a moral e a justiça e qual a implicância destes atributos para uma vivência social profícua mediada pelas instituições justas. É possível num primeiro momento

dizer que Ricoeur faz uma distinção entre ética e moral. Ao termo ética, resgata-se a terminologia grega *ethos*; quanto a moral, esta adviria do latim *mores*; ambas são entendidas cotidianamente como *costumes* (ROSSATO, 2008). Ricoeur, analisando os dois termos, sobrepõe a ética sobre a moral e ao dar primazia de uma sobre a outra, quer diferenciar os termos ao atribuir a ética “o sentido do que é considerado bom, como ideia, e ao vocábulo moral o que se preceitua obrigatório, visto como normas articuladoras desta perspectiva” (RIBEIRO, 2011, p. 34). O bom são os valores que dizem respeito ao si, e obrigatório as normas/princípios que o ser humano deve guiar.

Essa distinção feita por ele é retomada de duas fontes muito significativas: Aristóteles e Kant. Retoma Aristóteles ao pensar o agir voltado ao fim último do ser humano, aquilo que é bom (teleologia) e Kant a partir do imperativo categórico, aquilo que se impõe como obrigatório (deontologia). Para o Bem Viver acontecer, segundo Ricoeur, é preciso articular três planos: o si, o outro e as instituições. Primeiramente no que diz respeito ao si, o autor aponta para a possibilidade do indivíduo encontra-se em si mesmo, se perceber, cuidar-se. Quanto ao outro lembra da solicitude que é o respeito ao outro, e nesse sentido, a amizade seria um elemento essencial, ou a atitude ética fundamental. E ao campo das instituições quer destacar o “agir e o viver juntos, a atitude ética deveria ser permeada pela justiça, não pela justiça dada [...], legal, mas [...] aquela justiça dada pelo “bom”, que eticamente poderia ser caracterizada pela igualdade.

O viver bem *com e para* os outros, adquire, para Ricoeur, um *sentido de justiça*, que vai além das relações exercidas pelas pessoas e, por isso, a vivência social precisa das instituições. Ao falar em instituições, Ricoeur compreende-as como toda “a estrutura do viver junto de uma comunidade histórica – povo, nação, região, etc” (RICOEUR, 2014, p. 215). Assim, elas possuem o papel irredutível na aplicação da justiça e da igualdade, dando a “cada um seu direito” (RICOEUR, 2014, p. 215). As instituições são instrumentos que garantem a sociabilidade dos indivíduos, ou melhor, a justiça.

Para fortalecer o senso de justiça e das instituições aquelas que sustentam o bem viver social, Ricoeur recupera alguns princípios de John Rawls, cuja finalidade é suprimir as desigualdades na distribuição, aproximando justiça com igualdade. Para possuir eficácia, é preciso ancorar os termos na equidade, a fim de tornar uma vivência efetivamente justa. Ricoeur quer fundamentar a ideia, de acordo com a qual, para uma vivência ética e justa são necessárias as instituições que regulam a justiça, uma vez que injustiça é o desigual. Na vivência comum o ser humano vive permeado pela injustiça, e diz Ricoeur que é por ela existir que “nos sentimos tocados” (2014, p. 219). É através deste sentimento que surge a necessidade pela busca da justiça. Nesse sentido, poder-se-ia dizer que injusto é aquele que recolhe em demasia para si e prejudica os outros, “é o que é contrário da lei e o que desrespeita a igualdade” (RICOEUR, 2014, p. 220). Se na injustiça precisa a justiça, necessita-se da justiça distributiva que garantirá para Ricoeur, a sociabilidade e a vida comum, ou seja, o Bem Viver (RICOEUR, 2014, p. 223).

Mais ainda, pode-se dizer que no entender de Ricoeur a justiça passa pela solicitude e ambas, juntas, exercem uma relação de complementaridade, pois uma está intrinsecamente ligada a outra. “A solicitude põe diante do si um outro que é um rosto [...]. A igualdade o põe diante de um outro que é cada um” (RICOEUR, 2014, p. 224). Assim, uma pressupõe a outra, elas se somam, aplicando a igualdade à humanidade inteira. Mas a solicitude só é efetivada de fato se existir instituições justas que garantam a justiça distributiva, de tal modo que todas as pessoas possam usufruir dos seus direitos e serem tratadas como iguais. Chama-se a isso de equilíbrio, justa medida ou, como denominava Aristóteles, “meio-termo”.

Ricoeur ainda afirma que o reconhecimento do outro passa necessariamente pela solicitude. Para sustentar essa ideia, recupera duas noções aristotélicas, a saber, a escolha e a amizade. A primeira, consiste em poder escolher aquilo que faz bem para si próprio, sem ferir o outro, fazendo o bem para todos. Já a *amizade* antecipa a solicitude em três aspectos, no mínimo: a) permite a articulação entre a perspectiva da vida boa e a justiça; b) possibilita a reciprocidade fundada na relação com o outro como ele é; 3) “antecipa, no plano de ações interpessoais, a ideia de igualdade e de justiça” (ROSSATTO, 2008). Nesse sentido, a solicitude dá um passo qualitativo na dimensão do reconhecimento de si e do outro, tornando o Bem Viver com e para o outro em instituições justas (RICOEUR, 2014, p. 197).

A educação como ponte do reconhecimento do outro

Tendo presente esse intuito primeiro, pretendemos aprofundar a seguir, em que sentido o pensamento de Paul Ricoeur pode contribuir para pensar a educação. Nosso objetivo é perceber as implicações da ética e da justiça ricoeuriana no campo da educação, afinal, são esses princípios que sustentam, para Ricoeur, a vivência humana justa e igualitária entre os indivíduos. Uma educação preocupada em formar a integralidade do sujeito necessita estar intrinsecamente ligada à formação para a justiça, à subjetividade do indivíduo. Nesse sentido Hermann salienta que “uma subjetividade fundamentada no si mesmo, ao ser transposta para a relação pedagógica, traz o risco de submeter o outro. E, nesta mesma direção, cabe ainda perguntar se há justiça nas ações pedagógicas em relação à singularidade do outro” (2014, p. 51). Por isso uma educação para a justiça e para o reconhecimento do outro como a si mesmo, parece ser um passo significado para a transformação social.

Para Ricoeur, uma educação que aspire o Bem Viver e quer ser ponte de ligação que conduz o indivíduo a dar sentido à sua existência, necessita de uma linguagem simbólica (RICOEUR, 1982, p. 496), que permite ao ser humano compreender sua história, cultura, crenças, valores... O símbolo faz com que o indivíduo intérprete a sua existência, e por sua vez, a tarefa da educação é fazer esse aporte, ou seja, permitir ao indivíduo tomar posse de si mesmo. O simbólico possibilita ao indivíduo interpretar não só o que está posto, mas aquilo que está oculto. O sujeito reflexivo possui essa faculdade de desvelar o sentido da sua existência e atribuir a ela um significado. O sentido da vida e o reconhecimento do outro

como a si mesmo não são palpáveis, mas são frutos de um percurso que o indivíduo vai percebendo ao fazer a leitura do mundo. Nas palavras de Ricoeur, “a tarefa do pensador consiste em elaborar, partindo dos símbolos, conceitos existenciais” (1982, 498).

Para Ricoeur o outro não é só indispensável para o reconhecimento de si, como determinante. A pergunta inicial deste texto pelo *quem*, só é respondida a medida com que o ser humano se relaciona com o outro. A pergunta ‘Quem?’ encontra o si como resposta. Aliás, a pessoa encontra-se a si mesma no outro. Como diz o poema de Paulo Celan, *Elogio da distância*, “sou tu quando sou eu”. O sujeito existe ao reconhecer e tomar posse reflexiva de suas ações e se revela e permite conhecer, no contato, na relação, na troca de experiências. Sendo assim, o sujeito que tem a capacidade de compreender a totalidade da vida, é para Ricoeur a definição de um sujeito capaz. É um sujeito capaz aquele que possui uma vida autêntica, de autorrespeito, livre e autônomo.

Nesse sentido, ao olhar de Ricoeur, a educação é ponte mediadora entre o eu e o outro impulsionando o sujeito a tornar-se capaz. Educação configura-se como caminho que mobiliza o ser humano a conhecer-se, interiorizar-se, comprometer-se com a vida social. É aquela que reflete as necessidades humanas e torna todos comprometidos com todos. Para Ricoeur, a harmonia com a humanidade inteira é a garantia de um Bem Viver, ou do que Aristóteles já mencionava, de felicidade. A solidez de uma existência profícua e humanizada é garantida através de instituições justas, que dinamizam a justiça e a equidade, dando a cada um o seu direito. Entende-se assim que a tarefa da educação é mais ampla do que aprender conceitos, tampouco de dizer sobre si mesmo, mas ajudar o ser humano a encontrar-se na humanidade inteira, a tomar conhecimento do todo, ou seja, de um si mesmo (que não é o eu) que se apresenta no outro.

Considerações finais

Paul Ricoeur nos leva a compreender que a grandeza da educação está em possibilitar no reconhecimento da alteridade, facultando ao educando compreender que ele se constitui na relação que estabelece consigo, com o outro e com aquilo que lhe cerca. Não se trata de um sujeito metafísico, abstrato, mas um ser que é atravessado pela mediação do outro. Aqui o outro não tem definição, ele é relação, é diálogo. No diálogo não se possui o outro, mas este perpassa a constituição de si-mesmo. Sendo assim, a educação ganha um espaço fundamental que é o de possibilitar que cada um torne-se um sujeito capaz, que, por sua vez, se dá com e para os outros, mediado pelas instituições justas. Nesse ínterim se encontra a utopia de uma instituição educativa justa que mobiliza a justiça como fundamento da alteridade. Assim, aproxima-se a ética, a justiça e a educação, como horizonte de uma formação humana alargada.

Referências

GARRIDO, Sônia V. *Hermenêutica francesa*. Paul Ricoeur. Porto Alegre: Edipucrs, 2002.

HERMANN, Nadja. *Ética e educação: Outra possibilidade*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.

RIBEIRO, Lúcia de Fátima. *Ética, justiça e educação no pensamento de Paul Ricoeur*. 2011. Tese (Doutorado em Filosofia) - Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Goiás.

RICOEUR, Paul. *Em torno ao político*. São Paulo: Loyola, 1995.

RICOEUR, Paul. *Finitud y culpabilidad 2*. Madrid: Taurus ediciones, 1982.

RICOEUR, Paul. *O justo ou a essência da justiça*. Lisboa: Instituto Piaget, 1997c.

RICOEUR, Paul. *O si-mesmo como um outro*. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

RICOEUR, Paul. *Percurso do reconhecimento*. São Paulo: Loyola, 2006.

ROSSATTO, Noeli Dutra. *Viver bem: ética e justiça*. Disponível em: <<http://w3.ufsm.br/leaf/formularios/7606ecc02fcddea8a1ca9eb58f7cb8e7.pdf>>. Acesso em 22/03/2015.